

O ATLÂNTICO SUL NA LITERATURA: FLUXO E REFLUXO

Por muito tempo ausente das literaturas africanas, o Atlântico Sul, esta outra margem para onde foram deportados os cativos africanos durante quatro séculos, ocupa nos dias de hoje um espaço crescente em inúmeras obras literárias francófonas, lusófonas ou anglófonas. A literatura africana não projeta mais somente no espelho da Europa seu cortejo de exílios e de migrações, ela se constrói também num movimento sensível ao fluxo e ao refluxo de seres humanos nas margens ao sul do Atlântico, abarcando suas segmentações identitárias e suas fragmentações memorialísticas. Atualmente, essa outra visão do mundo nos é, mais do que nunca, indispensável. Ela esboça, para retomarmos o termo do filósofo martinicano Édouard Glissant, uma “mondialité” (mundialidade) em resposta à globalização; ela inventa e nomeia outras regiões do mundo e nos lembra, como diz José Agualusa, “como os africanos inventaram o mundo”, subtítulo do romance *A Rainha Ginga*, publicado em Lisboa em 2014.

Ao mesmo tempo, o Brasil e as ilhas do arquipélago caribenho desenham suas próprias cartografias do Atlântico negro: sobre essa margem onde os deportados africanos forjaram outras culturas, seus descendentes, tornados nativos, inventam literaturas, articulam linguagens literárias muitas vezes centradas no social – um corpo dolorosamente ferido – e na política, fazendo ressoar uma voz destoante. No Brasil, paralelamente à institucionalização de datas simbólicas (como o 20 de novembro, data de aniversário de Zumbi dos Palmares, que se tornou em inúmeras cidades e estados do país, o “dia da consciência negra”), se desenvolve uma literatura chamada da “periferia” que tenta desbravar para si um espaço no cânone literário. Fazendo uso de recursos da escrita de si, ela testemunha a marca indelével da escravidão e das constantes e violentas discriminações raciais.

Pareceu-nos importante interrogar as narrativas que desvendam a urgência de reforçar, palavra por palavra, as pontes construídas entre as duas margens do Atlântico uma vez que os caminhos do imaginário podem e devem contradizer os itinerários históricos de opressão e dominação, sem passar necessariamente pela Europa como ponto de partida ou de recepção da criação. Nesse sentido, o fotógrafo Pierre Verger e o antropólogo Roger Bastide, depois de terem deixado a Europa nos anos 1930, fizeram escolha determinante ao se instalarem no Brasil, acolhendo as culturas afro-brasileiras e adotando novo paradigma.

Propomos nesse número reunir o que o escritor Tierno Monénembo, da Guiné, chama de “duas partes de uma mesma cabaça”: a África e suas diásporas, a memória, a história e os imaginários em conexão desses povos. Dentro da “feiúra do mundo” (Wilfried N’Sondé) pode surgir bruscamente a beleza desse mesmo mundo (Glissant, Chamoiseau).

O artigo intitulado “**Do Zumbi dos Palmares ao reino de Ginga: história e lugares de afeto na escrita de Agualusa**”, de Edna da Silva Polese e Naira de Almeida

Nascimento, mostra como o autor angolano privilegia dois personagens históricos de origem e cultura africanas que se tornaram emblemáticos, Zumbi e Ginga, para recriar a história do comércio triangular e seus legados do ponto de vista dos vencidos. As relações de dominação instauradas pela escravidão e a colonização são dessa maneira subvertidas em prol de uma apropriação, de uma continuidade da memória cultural africana e de uma relação mais fraterna nos vínculos entre Brasil e Angola. Em **“A travessia atlântica como um trajeto iniciático nos romances de formação *Un océan, deux mers, trois continents* de Wilfried N’Sondé e *A Rainha Ginga* de José Eduardo Agualusa”**, Andreia Joana Oliveira da Silva se propõe a criar interfaces entre a obra do romancista angolano e o romance de um escritor francês do Congo. O artigo analisa os porões do navio negreiro como lugar de (des)construção identitária dos personagens que ali estavam aprisionados. Esse mergulho no pavor e na desumanização provoca progressivamente suas mortes simbólicas, seguidas de uma ressurreição. Partindo-se da ideia de que no meio do horror, “o Criador estava ausente”, as crenças religiosas dos protagonistas ou se arrefecem ou se destroem. Sobre as ruínas dos dogmas católicos, emerge então uma nova consciência, prelúdio de um pensamento humanista mais do que nunca necessário.

O estudo dedicado ao **“Atlântico-sul no espelho da tradução: Roblès e Monénembo no Brasil”**, de Raquel Peixoto do Amaral Camargo e Mirella do Carmo Botero, se interessa nas traduções para o português do Brasil de dois romances contemporâneos de língua francesa: *Pelourinho* (1995) do escritor guineano Tierno Monénembo e *Là ou les tigres sont chez eux* (2008) do romanista francês Jean-Marie Blas de Roblès. As autoras se propõem a analisar e a comparar os clichês sobre o Brasil que estruturam ambas as narrativas. Os dois romances flertam com lugares comuns e produzem imagens brasileiras já conhecidas, mas seguem percursos distintos: enquanto o clichê do indígena dócil é subvertido no texto de Roblès, o clichê da africanidade brasileira se encontra reiterado em um tipo de “inversão da inversão” em Monénembo. Assim, se esboça uma teoria da noção de clichê segundo a qual sua desconstrução não consiste na única maneira de apreendê-lo já que, mesmo corroborado, o clichê pode conduzir a um desvio da literatura.

É para a obra de uma grande figura da literatura brasileira que se volta o artigo intitulado **“Conceição Evaristo: a reconstrução de uma identidade fragmentada em *Becos da memória*”**, de Pauline Champagnat. Fragmentada pela história dolorosa da escravidão e suas marcas no Brasil, a identidade afro-brasileira investe, pela voz de uma mulher, no domínio da literatura. Como a memória não pode ser garantia de uma identidade inteiramente reconstruída – nenhuma identidade é plena e serena, as lacunas persistem. Graças à tessitura literária, uma capacidade de criatividade se manifesta, renovando o sincretismo cultural brasileiro de maneira dinâmica e incorporando, sobretudo, elementos culturais africanos. As memórias subalternas encontram aqui um lugar para falar de si.

O artigo intitulado **“Perspectivas ficcionais contemporâneas sobre a modernização e a globalização em cidades do “sul”: leituras cruzadas de *Cinzas do Norte, O Desejo de Kianda e Texaco*”**, de François Weigel se debruça, por sua vez, sobre cidades oriundas da colonialidade: Manaus, Luanda e Fort-de-France, espaços da segmentação, da diversidade e da irrupção da vida em um contexto duramente marcado pela desintegração dos vínculos sociais e humanos. A essa fragmentação urbana fazem eco as fragmentações narrativas dos três textos que, de maneiras diversas, permitem a enunciação e o surgimento, contra o capitalismo triunfante, da possibilidade de outra globalização. Hatoum, Pepetela e Chamoiseau se dedicam a traçar os contornos dessa nova globalização articulando o local e o global. As moradias precárias ou espontâneas assumem aqui figuras de lugares simbólicos por abrigarem em si interstícios de resistência.

Em **“Colonialidades em movimento: tessituras do corpo em *Out on main street (1993) de Shani Mooto*”**, Thiago Moyano estuda outra diáspora sem dúvida menos conhecida do que a diáspora afro-americana: a indo-caribenha. Graças a uma perspectiva crítica e interseccional, o autor faz uma relação entre os *gender studies* e a crítica pós-colonial, o que ele considera ser a “colonialidade de gênero”.

Partindo-se da premissa de que toda a história do Atlântico Sul se escreve sob o signo do deslocamento, podemos compreender o motivo pelo qual a mala desenvolvida no artigo **“La valise de l’écrivain: variations sur le thème de la lecture dans *L’Énigme Du retour de Dany Larrivière*”**, de Henrique Provinzano Amaral, completar a reflexão empreendida. Que patrimônio literário o escritor haitiano recentemente eleito para a Academia francesa de Letras busca privilegiar? Qual enigma as obras selecionadas (e as não escolhidas) em herança formulam? Postura proustiana por excelência, o ato de leitura de si, independentemente dos livros escolhidos, aparece como única possibilidade de transmissão e, talvez, de vida.

Para enriquecer o dossiê, apresentamos também quatro artigos acerca de temas distintos, mantendo todos, contudo, relação com a América do Sul por evocarem histórias de viagens no cone sul. É o caso de **“O burguês confrontado: a maleita em disparate de Mário de Andrade”** que nos mostra um diálogo inusitado entre a Amazônia e São Paulo. Nesse artigo, Pedro Lotti Carvalho nos apresenta as ideias de dois textos desconhecidos de Mário de Andrade, nos quais o escritor faz uma apologia da ‘maleita’, a malária amazônica, como modo de deixar a rotina agitada do trabalho nas grandes cidades, como São Paulo. **“Memórias a passos e passes em *O dribble*”**, de Marilda Aparecida de Oliveira Effting, nos conta uma espécie de viagem do México ao Brasil: o artigo consiste em um estudo do romance *O dribble*, de Sérgio Rodriguez, que relaciona um jogo de futebol da copa do mundo de 1970 à uma relação problemática entre um pai que assiste a um jogo do Brasil e seu filho. Por sua vez, a viagem do texto entre **“Uma escrita pela sarjeta: o lugar de autoria em uma tradução intersemiótica”**, de Lucas Piter Alves-Costa, ocorre entre as artes: faz-se uma análise da transposição semiótica do conto “O alienista”, de Machado de Assis, à história em quadrinhos homônima, de Fábio

Moon e Gabriel Bá. Finalmente, “**Estética política em literatura de esquerda**”, de Gabriel Fernandes de Miranda nos faz viajar entre a Argentina e o Brasil (passando pela França de Flaubert), através da resenha da tradução brasileira do livro do argentino Damián Tabarovsky, *Littérature de gauche*. Na resenha e no livro, trata-se da função ética da literatura: atribuir um sentido ao mundo ou questionar o sentido dado pela sociedade?

Fazemos votos de que os textos reunidos nesse número contribuam a consolidar as pontes e passarelas entre as duas margens sul do Atlântico e entre os países das Américas, e que a história submarina, aquela que traçaram as balas dos escravizados lançados ao mar, se revele progressivamente e suscite outras áreas do pensamento suscetíveis de apaziguar as convulsões de nosso presente.

Claudia Amigo Pino

Vanessa Massoni da Rocha

Véronique Bonnet

Dezembro de 2018